

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelist

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 134      **Assignaturas**      **PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**      **Publicações**      **5.º Anno**

AVEIRO—Um anno, 12000 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

## A QUESTÃO CLERICAL

Nem a religião é inherente á raça humana, nem Deus é inherente ás religiões. O cão, o macaco e outros animaes superiores são religiosos. O cão, tendo o homem como idolo, dá, mesmo, provas de mais acerto que o homem que idolatra o urso, o tigre, o crocodilo ou a serpente. Humilhando-se, aviltando-se deante d'elle, é menos estúpido e menos vil que o preto d'África humilhando-se e prostando-se deante do maniputo ou que o branco da Europa reverenciando as reliquias, os bentinhos, as figas, os amuletos, que maniputos são e nada mais. Maniputos, ou essencias, ou accessorios, ou partes, ou derivados de maniputos, o que vem a dar na mesma coisa.

A religiosidade não é, pois, como se pretendia, um attributo do genero humano. Nem o poderia ser desde que as facultades mentaes não são apanagem exclusivo do homem. O proprio Quatrefoes, creador e defensor d'aufrance do reino humano, o conhece. Diz o sábio anthropologista que o animal superior tem a sua parte de intelligencia; que sente, quer, lembra-se, raciocina e sonha como o homem. Apenas com as facultades fundamentaes menos desenvolvidas que as nossas. Mas, no fundo, as mesmas.

E aqui se enxerta, immediatamente, a questão da immortalidade da alma. Se a alma do homem se separa do corpo e vae receber n'um outro mundo a recompensa ou o castigo, porque não ha de succeder o mesmo á alma do cão?

São da mesma massa. E, ás vezes, fica a gente na duvida se certos cães não valerão mais que certos homens.

Não ha, pois, entre os homens e os animaes superiores o abismo que os metaphysicos apontavam. Antes, toda a sciencia reconhece que ha entre elles intimos pontos de contacto. E a propria religiosidade, que tantos seculos se quiz impôr como característico da raça humana, é commum, tambem, aos outros animaes, na sua parte fundamental, que é o fetichismo.

E Deus? Por ventura é a idéa de Deus outro característico da humanidade, commum a toda ella? De forma nenhuma. Essa, nem existe em algumas das mais afamadas religiões superiores. No Budhismo, por exemplo, que é, incontestavelmente, a mais elevada de todas.

«Os povos budhicos, dizia Barthelémy Saint-Hilaire, podem, sem nenhuma injustiça, ser considerados atheus.»

«Eis, pois, commenta Letourneau (*L'Evolution religieuse dans les diverses races humaines*, pags. 10) uma grande religião, a maior pelo numero dos seus sectarios e pela profundeza dos seus dogmas, que ignora Deus.»

«A evolução do budhismo, escreve Vinson (*Les Religions Actuelles*, pags. XVI) é eminentemente instructiva, porque, sob a sua forma original e pelo conjunto das suas doutrinas e das suas tendencias, é a negação absoluta de Deus; deve-se repellir como uma mera phantasia a opinião de certos sábios dos nossos dias que pretendem ver no budhismo o mais requintado e o mais puro de todos os espiritualismos; o verdadeiro caracter da religião de Cakyamuni é bem aquelle que o sr. Emerson Tenment (3.ª edic. T. 1, pag. 531) resumiu com tanta exactidão: «A base do systema é uma declaração da eternidade da materia e da sua submissão, com intervallos distantes, á decadencia e á reformação; não sendo isto, assim como a organisação da vida animal, senão o resultado da espontaneidade e da evolução e não, de modo algum, o effeito d'uma vontade e d'um designio da parte d'um creador todo poderoso.»

Continuaremos.

### Bessa de Carvalho

Falleceu, ha dias, no Porto, este conhecido capitalista e membro importante do partido republicano, ao qual foi muito dedicado.

Entre outros serviços prestados á democracia, foi um dos fundadores da *Voz Publica* e do *Norte*, sendo ainda, supponho, um dos proprietarios d'este nosso presado collega.

Sentimos a sua morte.

Vão principiar por estes dias os trabalhos para a substituição do antigo encanamento de grés, por tubos de ferro galvanizado, do chafariz do largo do Espirito Santo.

E' um melhoramento de ha muito reclamado para a freguezia da Gloria, e que agora se vae fazer, graças á boa vontade da camara municipal.

### A banda do 24

Tem tocado aos domingos, no Jardim Publico, das 9 ás 11 da noite, esta excellente banda, sob a regencia do distincto maestro Ferreira.

A concorrência tem sido extraordinaria para ouvir e apreciar a execução d'esta banda, que, na verdade, segundo dizem os entendidos, toca com uma correção pouco vulgar, não deixando nada a desejar ás da suas generes.

## Cartas d'Algures

Ha dias li um artigo no *Norte*, verdadeiramente singular.

Aquelle periodico tem combatido honradamente, patoticamente, o analfabetismo. Honra lhe seja. E' um, até, dos que veem auxiliando, com mais calor, a campanha do sr. Homen Christo, a favor do ensino litterario, por companhias, no exercito. Mas um dos seus collaboradores, que alli officia, aos domingos, de pontifical, sem que tenhamos, contudo, a honra de o conhecer, lembrou-se de sustentar que para o progresso, para a grandeza, ou para a felicidade de um povo, tanto importa que elle saiba, como que não saiba, lêr ou escrever.

Para que ha de o povo saber lêr? pergunta o auctor do artigo: para lêr jornaes?

Ora vejam a que leva a mania das originalidades!

Eu tenho medo d'estes originaes que me pello. E é por isso que antes quero vêr o diabo deante de mim, o diabo com cornos e a deitar fumo pela bocca, o diabo matreiro, cheio de lanchas, mas firme nos seus processos e nas suas intenções, do que vêr um litterato. Não que eu não seja amigo das boas letras, da forma elegante de dizer ou escrever, mas porque um litterato, em Portugal, é, geralmente, um original, e os originaes são a peor praga que tem vindo ao mundo.

Ora vejam este. Quem o entende? O que quer elle, afinal? Eu não sei. E ninguem sabe. Quem o hade saber?...

Está elle convencido de que escreve asneiras? Não, evidentemente. Não escreve elle em jornaes? Escreve. Então, porque não ha de o povo aprender a lêr para lêr jornaes?

São levados da breca, com a tal mania das originalidades á moda da nossa terra.

Sim, á moda da nossa terra. São umas originalidades muito especiaes. Se não têm talento, é da gente fugir. Se tem talento, apanham-se á solta, não receiam a critica, e é quanto disparate accode aos bicos da penna. Tudo serve, tudo vae na enxurrada.

Mas porque não ha de o povo aprender a lêr para lêr jornaes? Porque nos jornaes escrevem varios borbotas? Mas tambem escreve o illustre auctor do artigo do *Norte*!

Ou o *Norte* não é lido pelo povo e não é feito para o lido pelo povo?

Quem sabe lêr e escrever está habilitado a lêr o bom e o mau. Em Portugal não ha *Historia Nacional*, ao alcance de todas as culturas. Mas porque? Porque não ha quem a leia.

Por isso. Só por isso. Em Portugal não paga a pena escrever. E como não paga a pena, ninguem escreve. Em Portugal não ha quem leia. Logo, não ha quem compre livros. Logo, não ha quem escreva livros. Só para estimular os escriptores e remunerar o trabalho da penna seria de enorme vantagem augmentar o numero dos que lêem.

Não ha *Historia Nacional* escripta ao alcance de todas as culturas; logo, que tem o povo a lu-

crar com saber lêr? Querem que o povo aprenda a lêr para saber que D. Affonso foi pae de D. Sancho? Mas quem diz ao articulista do *Norte*, quem lh'o garante, que não esteja alguem, neste mesmo instante, a escrever a tal *Historia Nacional* ao alcance de todas as culturas? E, se o estiver fazendo, quem a lê? Quem a aproveita? O que ganha o historiador com o seu trabalho? Perdeu o tempo e o feitio.

E o povo só precisa de saber lêr para lêr historia? Não precisa de saber lêr para conhecer os progressos industriaes, os progressos agricolas, todos os progressos especiaes que dão a somma total do progresso nacional?

Como se vê, é um original a escrever tollice bravia só pela originalidade de escrever o contrario do que os outros escrevem.

Ora diga-nos: é republicano, não é verdade? E' Basta lêr o seu artigo para se obter essa certeza. Para quê? Para que é o senhor republicano? O senhor ha de fundar a republica na propaganda feita, especialemente, pelo livro e pelo jornal. Na cultura dos espiritos. Mas se o senhor acha, não só dispensavel, como, até, parece, perniciosa essa cultura?... Mas se o senhor não pôde tirar resultado d'essa propaganda emquanto o povo não a souber lêr, é o senhor acha *theatral* a campanha contra o analfabetismo e prejudicial que o povo aprenda a lêr para lêr jornaes?!

Hoje ha muito menos analfabetos do que em 1817 e 1820; e, no entanto, o nivel moral da sociedade portugueza é hoje muitissimo mais baixo do que então.

E' outra originalidade. Como hoje não ha revoluções, o nivel moral da sociedade portugueza é muitissimo mais baixo. Mas admittamos. Baixou porque diminuíram os analfabetos? Se é esta a razão, o articulista, pelo menos, é logico. Se não baixou por esse motivo, a tirade foi, pelo menos, superflua.

Se o nivel moral, em 1817 e 1820, era mais alto, e descem, foi, precisamente, porque as minorias d'esse tempo, educadas nos principios da grande revolução, não poderam fazer interessar o maior numero n'esses principios. Isso vem a favor dos que combatem o analfabetismo e não dos que, irreflectidamente ou estupidamente, consideram indifferente á vida dos povos que os analfabetos diminuíam ou augmentem.

A primeira condição da cultura do espirito e da propria educação moral é saber lêr e escrever. Antes d'isso, nem ha educação moral consciente, definida e estavel, porque o rustico, sem condições ou meios de aperfeiçoamento, não pôde, por melhor que seja o seu fundo, acompanhar o progresso inevitavel do sentimento e da idéa, logo não pôde formar elo social, logo não dá garantias nenhuma, não pôde dar, de consciencia e de estabilidade, nem ninguem sabe se poderá ser, no mundo da intellectualidade, Galileu ou Victor Hugo. Antes, pôde-se afirmar, resolutamente, que nem as obras de Galileu, nem as de Victor Hugo, seriam a admiração da humanidade, se Galileu e Victor Hugo não tivessem aprendido a lêr e a escrever.

Não ha nada mais injurioso e mais estúpido que a pretensão estulta de que todos os que aprenderem a lêr e a escrever ficarão simples leitores e admiradores do primeiro rabiscador que apparecer. O primeiro elemento da intelligencia e do saber é o conhecimento das primeiras letras. Saiba o homem lêr e escrever e elle se aperfeiçoará, se é intelligente e bom, e elle caminhará, e elle seguirá as correntes e os impulsos do seu espirito. Até onde, a ninguem é dado preve-lo. Mas aquelle que não souber lêr nem escrever, esse, sim; ficará fatalmente acorrentado á ignorancia, ao nada, por maior que seja o talento ou a bondade natural que possua. Nunca houve sábio, nem genio, nem amor productivo da humanidade, n'um analfabeto. Isso é que não!

E' indigno de um homem de letras, principalmente se é um democrata, afirmar que a questão do analfabetismo é indifferente á vida d'um povo, ou que os progressos d'esse povo não estão intimamente ligados ao maior ou menor grau de instrução nacional. Progressos de ordem material, de ordem intellectual e de ordem moral, por isso que ninguem ignora que esses progressos andam intimamente ligados e conjugados.

A instabilidade dos principios da revolução veio, precisamente, da falta d'uma cultura bastante larga para os assimilar, para os comprehender, para os amar, para os aguentar. Instabilidade que, em cada paiz, foi tanto maior quanto maior a incultura das grandes multidões. A corrente de moralidade, de civismo, de justiça, que se estabelecia e, por instantes, triumphava nas camadas dirigentes, não se podia aguentar contra a ignorancia do grande numero, sempre agitado, sempre minado, sempre revolucionado pelos privilegiados, pelos tartufos, pelos especuladores, que podiam manejar, nas massas profundas, a arma formidavel da ignorancia e do preconceito, sempre de resultados decisivos e seguros.

Tanto a cultura corre parrelhas com os progressos sociaes e politicos quanto, em Portugal, é nas cidades, precisamente as terras de maior cultura, que esses progressos tem algum ponto de apoio. Nas cidades portuguezas, precisamente aquellas onde o analfabetismo é menor, onde a propaganda pelo jornal, pelo pamphletto, pelo livro é mais intensa, é onde a causa da democracia tem mais adeptos e adeptos mais seguros. E se o nivel moral é geralmente baixo é porque o nivel intellectual é geralmente baixo tambem. A instrução é insufficiente, mesmo nas classes que se dizem instruidas. E quando a instrução é insufficiente, a educação deixa tudo a desejar. Quasi todos os philosophos do seculo deoito pensavam que a salvação da humanidade estava na instrução. Não faltaram philosophos, no seculo desenove, nem faltam ainda, nós conhecemo-los no mundo e, em Portugal, o articulista do *Norte* é um d'elles, ao que se vê, para se rirem d'aquella ingenuidade. Pois os do seculo deoito é que tinham razão. Só ha uma differença: é que a instrução incompleta, e esse é ou-

tro caso, é muitas vezes peor que a ausencia completa d'instrução. D'essa instrução incompleta, que não dá a educação, que é, ainda, a ignorancia, d'essa instrução incompleta, de que andam afastados os principios sociaes e philosophicos, d'essa instrução incompleta, que não dá o amor do direito e da verdade, a procura da iniciativa e do trabalho em satisfação á independencia e ao orgulho proprio, soffrem as classes dirigentes em Portugal. D'ella deriva esse pantano moral, que, justificadoamente, causa horror ao articulista do Norte.

Mas é motivo para concluir pelo analfabetismo, ou pela indifferença em face d'elle? Nuncal ou é irreflexão, ou é estupidez.

Para educar, temos de instruir. Para instruir, temos de dar ao homem o elemento primordial e capital da instrução.

O grande defeito dos republicanos portuguezes foi sempre esse: olhar aos fins sem olhar aos meios. Para elles a revolução é tudo; revolucionar não é nada.

Pois é um erro. Se querem o triumpho seguro da democracia, comecem por instruir e democratizar a nação.

D'outra fórma, sem um ponto sólido de referencia e apoio, sem nenhuma garantia, ficam na instabilidade eterna dos principios, que os adeptos, porque os não comprehendem nem entendem, não podem amar; no vae vem infeliz das multidões ignaras, sempre instrumento facil e juguete de todos os patifes.

E não fazem nada. Podem crer. Não fazem nada!

A. B.

O nosso ultimo numero sahio com varias incorrecções que os leitores, terão, facilmente e naturalmente, corrigido.

**Julgamento**

E' julgado no dia 28, no Porto, o nosso collega Alexandre de Barros, redactor e editor do Norte.

O crime do Norte tem sido defender as liberdades e a moralidade publica, em geral, e, em particular, foi o de abrir uma valente campanha contra a negociata conhecida pelo nome de convenio.

E' de esperar que o jury faça justiça, absolvendo o collega.

Ao menos vale-lhe responder em audiencia de jury.

Se ficasse á discreção de qualquer Pinto, então era garrote certo.

Vindo da Ilha da Madeira, onde foi procurar allivio aos seus padecimentos, já se acha entre nós, completamente restabelecido, e nosso patricio e amigo, sr. Manuel Gonçalves Moreira, proprietario dos acreditados Armazens da Beira-Mar.

**Barbita Russa**

Esta semana foi uma enchente á porta do Barbita Russa.

E zurravam, zurravam, n'uma alegria que commovia.

Uma feira!

Um espanto!

Um encanto!

Sahe-lhe a sorte grande qualquer dia, seu Barbita Russa!

**Passoio fluvial**

Como dissémos realisa-se hoje pelas 7 horas da manhã o passoio fluvial, promovido pela «Sociedade Recreio Artistico», de Aveiro, ao Rio Vouga. Deve ser um passeio agradável. Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

**JULGAMENTO IMPORTANTE**

Lê-se na correspondencia de Aveiro para A Epocha:

«Realizou-se hoje o julgamento dos auctores principaes do desacato de que foi victima inercueta o muito nobre e liberal bispo conde de Coimbra.

Eram oito, oito cabeças de motim!

Para conseguirem revoltar quasi por completo uma população de dez mil almas, é forçoso convir que dispõem de consideravel influencia os oito individuos que hoje responderam no tribunal d'esta comarca, como responsaveis pelas scenas tumultuosas a que o procedimento anti-evangelico do sr. D. Manuel deu causa.

E quem duvidará? Pois os dois irmãos Encarnação, o José Chirineta, o Oliveira do Gymnasio, o Valentim Cancellia, o João da Graça, o Carrancho e o Mofa não serão cavalheiros de importancia tal que ao menor signal ponham em revolta quasi a totalidade de dez mil almas?

O Chirineta, só por si, manda em toda freguezia da Gloria. E' elle quem todos o domingos e dias santos pede esmola pelas portas para o Senher dos Passos da Gloria. Todos o conhecem, todos o attendem, todos lhe satisfazem o que pede. N'esta aquiescencia da freguezia está a prova irrefutavel da grande preponderancia revolucionaria do José Chirineta.

Não se melindre o Garibaldi aveirense se designamos por Chirineta, porque é como tal que figura no processo. O nome pouco faz, quando a gloria é sem limites. E não é pequena a gloria de pèr em revolta tão grande massa de povo.

E o Mofa, o velho Mofa, cego, quasi sem lume no lar e sem pão na arca, quem havia de dizer que as cans que lhe alvejam na fronte occultavam humildemente, á vista, a cabeça altiva d'um revolucionario andaz?

Quem? E os restantes, ana qualnar da nós julgaria muito boas pessoas para coisas varias e diversas, mas nunca para agitadores, quem diria que nos seus feitos juvenis todas as paixões teriam cedido logar á paixão revolucionaria?

Oito agitadores, oito cabeças de motim, oito revolucionarios! Parecem 24 criminosos distinctos, mas não passam de oito pobres diabos que a policia offereceu em holocausto á vindicta episcopal.

O orgulho theocrata de s. rev.<sup>ma</sup> foi profundamente ferido pela enorme maioria da cidade de Aveiro. O desagravo que s. ex.<sup>a</sup> recebeu de não sei quantos anonymos envergoados que por assignatura o desagravaram em familia, não bastava ao coração elemente, á alma religiosissima do liberal autistite. Era preciso mais. A affronta era necessario que se pagasse no fundo negro de um carcere. Que importa que Christo tenha dito que quando nos dêem uma bofetada na face direita, devemos offerecer logo a esquerda? Um bispo não é Christo. Um bispo offendido não deve soffrer resignado. Tem na terra a justiça dos homens, e no inferno os caldeirões de Belzebuth.»

Esqueceu-se o correspondente de dizer que Chirineta rima com Miyaveta.

Faça-lhe um verso!

O NOSSO PINTO

Parece que o sr. Mattoso anda arreliado com a historia do Pinto.

São remorsos!

Poz-nos a albarda ás costas, de nós todos, aveirenses, e agora quem se arrelia é elle!

São remorsos, são remorsos. Está velho, doe-lhe a consciencia.

E' que os remorsos são assim. Veem sempre com a vellice!

**Então é ou não é?**

O Jaymão, discentindo com a Soberania do Povo, dá-se como director do papel.

Alguem da «Vitalidade»... fez e aconteceu.

Foi acompanhar o sr. José Luciano á estação, foi visitar o sr. Pimentel Pinto, etc.

Este alguem é elle.

De fórma que quando lhe convém, é; quando lhe não convém, não é.

Isso já nós sabiamos ha muito tempo.

Bem te conhecemos, meu pau de laranjeira!

Correu umada a regata promovida pelo Gymnasio Aveirense no domingo ultimo.

**AO SR. GOVERNADOR CIVIL**

Continuaremos insistindo. E' indispensavel que o primeiro magistrado do districto, em cuja integridade confiamos, veja o que ha de verdadeiro nas graves accusações que se fazem em toda a cidade contra a policia civil.

Para mal nosso, basta-nos a impunidade do Pinto. O Pinto agarra-se á sua independencia e temos que o aturar, até que surja venio de feição. Tambem, se elle apparece, Pinto tem que ver. Mas não apparecerá. Não apparecerá, não. E, n'esse caso, só nos resta agradecer, e tornar a agradecer, ao sr. Mattoso, e pedir a toda a comarca que lhe agradeça comnosco. O Pinto é um dos maiores favores que Aveiro deve ao potentado da Oliveirinha. Havemos sempre de o dizer. Não esqueça!

Mas com a policia civil o caso é differente. Ha a independencia da magistratura. A magistratura constitue um corpo independente. Mas a policia não. Felizmente! Isto de corpos independentes é a peor das coisas, no estado em que vamos.

A policia não constitue um corpo independente e, por felicidade nossa, agora, está sob as ordens immediatas d'um homem que todos reputam justiceiro e probo. E' o sr. governador civil. Então valha-nos s. ex.<sup>a</sup>

E' certo que a policia civil, em Aveiro, não tem outro fim senão arranjar emolumentos? Isto é o que se quer saber. O sr. governador civil sabe muito bem que, se isso é verdade, a policia civil, pelo seu caracter especial, torna-se uma instituição perigosa, muito perigosa, e, portanto, odiosa, odiosissima.

Ter como fim exclusivo arranjar emolumentos!

E' pavoroso!

Não será verdade? Mas, se o não é, porque abandona a policia completamente os serviços de ordem e de limpeza na cidade? Este é o facto! O que ninguém contesta, é que em Aveiro campeiam os gatunos desafortadamente, os desordeiros, os fadistas, as mulheres desbocadas e de má nota, que proferem impunemente as maiores heresias e indecencias em toda a parte.

Ha tempos contava-nos um cavalheiro de fóra que tinha visto, junto aos baldões, ratos mortos, ao sol, exhalando um fétido

nauseabundo. Que, subindo a costeira, umas mulheres desciam em descantes indecentissimos. Que em toda a cidade lhe ficara a impressão d'uma terra barbara, porca, sem morigeração de costumes. Não quizemos acreditar. Pareceu-nos haver exaggero. Pois não havia! Pois era a verdade! Pessoas de todo o credito, e naturaes da terra, nos disseram, depois, que sim, que por lá andavam os ratos mortos, pela antiga praça do pão, que os descantes indecentes, pelas ruas, são verdadeirissimos, que havia muito mais e peor do que isso.

E havia! E ha!

Então o que faz a policia? Para que serve ella?

Trata só d'obter emolumentos? Estamos n'uma kabila de Marrocos ou em terra de Portugal, que quer ser culto e civilisado?

Não trata só d'obter emolumentos?

Então para que deixa que os porquieirões attentem impunemente contra as posturas municipaes? Para que deixa campear impunemente na cidade toda a corja de birbantes e vadios?

Eis o caso.

E voltaremos ao assumpto.

**Hotel do Furadouro**

Abre amanhã o Hotel do Furadouro, de que é proprietario o sr. Silva Cerveira, muito conhecido pelo seu trato affavel e inexcusavel em bem servir o publico.

O sr. Cerveira offerece n'esse dia um jantar á imprensa, para que recebemos convite.

Agradecemos.

**O analfabetismo**

**EXERCITO**

Publicamos a ultima carta dirigida pelo sr. Homem Christo ás Novidades:

Hontem, ao entrar no comboyo, em Vizeu, para Santa Comba Dão, onde vim fazer parte da Junta de Recrutamento do districto n.º 14, comprei alguns jornaes para ler pelo caminho: Novidades, Primeiro de Janeiro e Norte. Ao abrir este ultimo, deparei com um artigo intitulado «Analfabetismo no Exercito». Li-o com interesse, como é de suppôr. E por elle vi que O Jornal falava em mim e no assumpto, attribuindo-me uma local que O Norte havia publicado anteriormente.

Mas em que se fundou o articulista para me suppôr o auctor d'essa local? Foi palpíte?

Em Santa Comba chegou-me ás mãos o proprio Jornal. E vejo que a questão está posta em termos de não se poder discutir.

Que não. E que não. E mais que não. A isto se reduzem os argumentos do illustre articulista.

Palpite, palpíte e mais palpíte. Palpíte lhe. Acabou-se. Se é palpíte, é palpíte. Não ha que discutir.

Eu fiz duas experiencias de ensino em infantaria n.º 14. Assisti, de perto, ás experiencias feitas em outras companhias. Os alumnos dêram as suas provas diante d'um jury, o anno passado, e este anno.

Essas provas foram vistas por pessoas dignas de todo o credito e consideração, o sr. general commandante da divisão, o sr. coronel do regimento, o sr. reitor do lyceu e commissario de estudos, o sr. delegado da comarca, alguns officaes, professores do lyceu, jornalistas, escriptores, etc. Todos se confessaram admirados. Todos reconheceram o exito do ensino litterario por companhias, admitindo, em melhores condições, um exito maior ainda. Só o illustre articulista do Jor-

nal, que não assistiu a experiencia nenhuma, que não viu provas, que, n'esses casos, tinha o dever de acceitar como bom o que lhe dizem até provas concludentes em contrario. É que não só não acceita a verdade dos outros, como affirma, impávido, intrépido, que os resultados do ensino obrigatorio por companhias hão de ser «verdadeiramente ridiculos» e de um «fiasco vergonhoso» para o exercito.

Que lhe havemos de fazer?

Não quer, não quer.

De que lhe serve a experiencia? Que lhe importam as provas? S. ex.<sup>a</sup> tem a sua opinião, que está acima de tudo. Calemo-nos, pois.

A sciencia experimental não foi nunca d'esta terra. Nunca. A não ser a sábia experiencia dos callos. Essa, sim, senhor. Em nos aquecendo uma orelha ou nos doendo um callo, a coisa é certa. Então, sim. Não falha. Ou revolução imminente, ou descoberta de outro mundo.

Essa, sim. A outra é «exotica». Estou farto de dizer que não fui eu que ensinei os analfabetos da minha companhia. Qual historia?

Fui eu! O Jornal não me nega condão milagroso. Eu fuço «maravilhoso». D'aqui a pouco falo aos peixes como o bemaventurado Santo Antonio. Não apanho sermão, como o do padre Vieira, para me pôr o milagre em relevo, mas apanho sermoneca. Que vá eu para cima. Isso convem. Eu, o milagroso!

Mas eu. Só eu!

Disse, e redisse, que, na minha companhia, faltava metade do pessoal graduado. Que, n'outra companhia, só havia um sargento. Que, ainda n'outra, só havia um official, um alferes, que não podia ensinar, porque não conhecia o methodo. Que, não obstante, em quasi todas as companhias houve aproveitamento e, n'algumas, aproveitamento digno de menção.

Qual historia! O Jornal não quer. O Jornal não permite. Eu sou um insensato em querer prejudicar a instrução militar com a instrução litteraria, quando os quadros nem chegam para aquella.

Nem para aquella! Quanto mais para aquella e para esta.

«Se eu sou um homem pratico» devo ser o primeiro a reconhecer isso.

Não sou. Eu sou um nephelibata.

Homem pratico é o illustre articulista. Eu não tenho passado toda a minha vida em regimentos. Eu não conheço, por isso, os vicios e as virtudes dos quartéis. Eu não sei ler nas entrelinhas. Eu sou um pobre de espirito, eu ando no mundo por ver andar os outros.

Ora essa! Quem duvida?

Eu até sou um «mau homem» porque insinuei que no exercito allemão se trabalha mais que no exercito portuguez.

Deus me dê paciencia!

Mas que importa lá que eu insinuasse, se o illustre articulista, que é fero, «deita tudo abaixo com a facilidade com que se desfaz uma bola de sabão?»

Vamos a ver. Os allemães, francezes e italianos podem fazer tudo por que teem gente, teem os quadros completos, teem tempo e, então, emquanto «uns se dedicam a uma coisa, dedicam-se os outros á outra».

Sim, senhor. Mas para desfazer a «bola de sabão», faltou-lhe accrescentar que, tendo gente, tendo quadros, tendo tempo, «dedicando-se uns a uma coisa e outros á outra», assim mesmo o tenente mal tem «ocasião de jantar», assim mesmo o tenente está no quartel «desde o toque da alvorada até depois do toque de recollier», assim mesmo o capitão nem durante o jantar está em descanzo porque a «cada instante as necessidades de serviço o chamam e interrompem».

Ponha lá isto e concordamos em que, realmente, fica desfeita a «bola de sabão Desfeitissima!»

Elles teem quadros. Elles teem gente para tudo. Mas, quasi que não teem tempo para comer nem para ler os jornaes. Ponha lá isto e arrebitante á vontade, cheio de legitima gloria, a preciosissima «bola de sabão».

Não lhe perturbaremos, nem contestaremos tal gloria.

Mas isso é na Alemanha. Olha que coisa, nós agora a ensinarmos, nos quartéis, analfabetos, homens que «devem lá entrar sabendo ler e

escrever!» Vamos cá, nós, a cortar o mal pela raiz, a arranjar um remédio radical, que não «corte só a rama com meros paliativos».

Está arranjado. Alto. Não dê mais um passo. E' o questionário da illustre Associação dos Jornalistas. Alto ahí!

Se não fosse eu ter invocado a Divindade, pedindo-lhe uma pouca d'aquella paciencia que tanto me falta, eu, agora aqui, estoirava como a «bola de sabão». E fazia mais desgostos do que ella!

Mas é preciso paciencia. Safa!...

Olha que coisa! O exercito allemão a ensinar o soldadinho a lêr e escrever! Isso aprende-se nas escolas! Isso não é digno d'um official! Não é essa a sua missão! Isso é um palliativo reles! Lançou a Allemanha mão d'elle, porque a Allemanha é a Allemanha! A Allemanha não tem o paiz cheio de escolas, como nós vamos ter, aqui, em Portugal, não tarda nada! Venha a resposta ao questionário da illustre Associação dos Jornalistas e hão-de vêr!

Safa!...

Mas o illustre articulista, que é exímio em desfazer «bolas de sabão», até me apanhou n'uma contradicção e n'uma mentira. Contradicção, porque, tanto não ha tempo, que até eu cheguei a pedir a redução de duas horas na instrucção professional. N'uma mentira, porque disse algures, que a recruta não durava só os mezes de janeiro, fevereiro e março como affirmava *O Jornal*, mas os mezes de novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março, o que não é verdade, segundo pretende o illustre articulista.

Ora eu lhe digo: não pedi tal redução nenhuma nas horas de instrucção.

Pelo regulamento de 31 de dezembro de 1900, os recrutas podem ter de quatro a seis horas uteis de instrucção professional em cada dia. O regulamento permite que lhe dêem quatro; e permite que lhe dêem quatro e meia ou cinco; e permite que lhe dêem cinco e meia ou seis. Deem-lhe quatro, disse eu.

Mas supponham que lhe dão seis. As duas, que vão de quatro a seis, sejam destinadas á instrucção das primeiras lettras.

Ficamo-nos, agora, entendendo? Já vê o illustre articulista que nenhum ministro da guerra tem que incorrer na «tremenda responsabilidade» de deminuir duas horas á instrucção professional. Ou seria cosido e frito pelos «bons officiaes».

Comtudo, sempre lhe direi, apesar de eu não ser um «bom official», apesar de eu não ter pratica nenhuma de quartéis, nem saber nada do serviço, que se as quatro horas ainda descessem para tres, os «bons officiaes», em lugar de coserem e frigram o sr. ministro da guerra, haviam, pelo contrario, de lhe bater palmas calorosamente.

O illustre articulista anda para ahí a dizer que «não ha tempo», que «não ha tempo», sem razão nenhuma. Falta-lhe a razão, porque lhe falta um conhecimento exacto das coisas militares.

Vejo, mesmo, que trepida nos regulamentos, a que não presta a attenção que elles merecem. Não é por falta de intelligencia, nem de competencia. Sinceramente o digo. Mas porque, sem duvida, se tem occupado mais com outras coisas.

A recruta não se ministra nos mezes de janeiro, fevereiro e março. A recruta começa no dia 9 de novembro e termina, em regra, no dia 31 de março. Pela lei do recrutamento, a incorporação dos recrutas ha de estar feita desde o dia 8 até ao dia 12 de novembro. Pelo regulamento de instrucção, termina esta, regra geral, em fins de março. Logo, dura cinco mezes, approximadamente. Salvo se dois e dois não são quatro!

E aqui está a minha mentira.

Ora, n'esse praso, fique certo de que ha tempo e retempo, quer os quadros estejam reduzidos a metade, quer estejam reduzidos ao terço. Era caso para perguntar aqui ao illustre articulista, que tão cioso do militarismo se nos apresenta: se não ha quadros e se não ha soldados, onde diabo está o exercito portuguez? A falta de soldados já toda a gente conhecia. Mas o que toda a gente imaginava

era que existiam os quadros, ao menos. Se não ha soldados e se não quadros, o que ha então? perguntará o paiz estupefacto!

E' ao que conduz o zelo excessivo. Eu, na opinião do illustre articulista, estive fazendo insinuações, que elle não louva. Quaes insinuações? Estas: que devemos e que podemos elevar-nos pela cultura e pelo trabalho, trabalhando mais, se fôr preciso. Que, pela cultura e pelo trabalho, se elevaram as nações progressivas, como a Allemanha, como a Inglaterra, como a Suissa, como a França, como a Suecia, não saindo da Europa. Que os processos, que ellas usaram, são os processos que nós temos de usar, fatalmente, se não quizermos succumbir na concorrência do progresso.

N'essa corrente, eu peço que o exercito faça aqui o mesmo que tem feito lá fóra. E, com isso, não o quero senão nobilitado, engrandecido, estimado e querido da nação. Tal é o mal que eu lhe faço.

Ao contrario, o illustre articulista, tão cioso do militarismo, do officialato, affirma esta nota deprimente: o exercito não existe! Ou é verdade e essa verdade é pavorosa, ou não é verdade e fica no publico a impressão deploravel de que nós não queremos ir na corrente de progresso e de trabalho das nações civilizadas.

Eu disse sempre, e affirmo, — ahí estão as minhas cartas para o comprovar — que não haveria no exercito portuguez official nenhum, e, se os ha, poucos serão, que negue a seu paiz o serviço relevantissimo que presta na Allemanha o official allemão.

Disse-o e repito-o. Disse ainda, e outra vez o torno a dizer, que nenhum serviço de occasião haveria mais importante do que esse, nenhum que tornasse o official mais querido das multidões, mais sympathico ás classes dirigentes, ás classes intellectuaes, ás classes «d'élite». E a troco de quatro mezes, sómente, ou de tres, porque tudo se reduz a noventa dias uteis, e a troco de noventa dias de maior trabalho e esforço.

Mas não ha tempo, mas não ha quadros. diz o illustre articulista do *Jornal*. Ha tal! Agora affirmo-o eu, energeticamente, e tenho alguma auctoridade para isso. Ha tal, e não se deixe no paiz a impressão de que não temos soldados, nem sargentos, nem officiaes, ou que precisamos, para qualquer coisa, do dobro do tempo que se precisa lá fóra.

Em França teve muita voga uma brochura — «Le Fantassin en cinquante heures» — onde o seu actor affirmava que, em cincoenta horas, divididas por 10 dias, poz, sem tiro, é claro, sem gymnastica e sem serviço de campanha, uma escola a manobrar. Experiencias successivas, feitas sobre 4:000 homens, demonstraram que em dois mezes se obtinha a instrucção, completa e definitiva, d'uma classe inteira de recrutas. Em 1881, o general Lamiroux, então coronel, fez instruir, em «oito semanas», os recrutas do regimento n.º 53 de infantaria, que elle commandava. O general Philibert, n'um estudo intitulado «L'Infanterie perd son temps» («Revue Scientifique» — 1897), censura, vivamente, a demora da instrucção e a preguiça dos officiaes do exercito francez. Edouard Lockroy, que foi ministro da marinha e que é auctor d'um livro notavel sobre marinha de guerra, levou essas censuras até á tribuna franceza. E não eram «maus homens», como eu, que nunca disse coisa igual. Nem parecia, felizmente. Eram, e são, homens illustres, patriotas! O capitão Miller, do exercito allemão, escreve («Militarische Fragen und Zustände», Stuttgart, 1890, vide «L'Armée d'une démocratie» par Gaston Moch, Paris, 1900), que viu algumas classes de reserva, na Allemanha, perfeitamente instruidas em «dez semanas». «Os officiaes», diz Miller, não queriam concordar. Mas, entre si, reconheciam que os resultados eram suprehendentes e que não era facil distinguir uma companhia de reserva das companhias do exercito activo.» Em Portugal, a mesma coisa. Todos tem visto os excellentes resultados da instrucção intensiva das reservas. Eu commandei uma d'essas companhias. Tive a honra, até, de ser louvado em ordem de

divisão. Em 23 dias uteis dei á companhia, aos olhos do commandante da brigada e do commandante da divisão, não a instrucção do programma, mas a instrucção inteira, completa, definitiva, á parte a gymnastica, das companhias do exercito activo. E outros, por esse paiz fóra, fizeram tanto como eu. Em 23 dias uteis! Nunca nenhuma das companhias, que eu tenho commandado no exercito, manobrou com mais correcção, com mais firmeza, com mais precisão do que essa.

E veem-me dizer que, em perto de cinco mezes, não ha tempo!

Este anno não tive, para a instrucção professional da minha companhia, senão um 2.º sargento e um 1.º cabo. Assisti a ella, de braços cruzados, e os homens estavam promptos muito antes do periodo marcado.

E veem-me dizer que não se faz nada por falta de quadros!

Na Allemanha, o paiz cheio de escolas, ainda o exercito ensina os analfabetos que apparecem nas fileiras.

Na Suecia, o paiz da gymnastica, coberto de escolas de especialidade, ainda o exercito faz a gymnastica das escolas do povo — «Folk-Skol» — e das escolas do lyceu — «Latin-Skol» (Fernand Lagrange — «La medication par l'exercice» — Paris, 1894).

Em Portugal veem-me dizer que ensinar os analfabetos no exercito é um palliativo, é cortar a arvore pela rama. E desdenha-se d'isso e das minhas idéas «exoticas!»

Paremos aqui, que tenho medo de me excitar.

Aqui páro. Aqui termino. Polemicas pessoases, sobre este assumpto, não as acceito. Não as acceitarei em caso algum.

Fique v., sr. redactor, certo d'isso. Mas, já que me abriu a porta, publique-me mais esta carta, faça-me esse favor.

E continue a acreditar nos meus respeitos e na minha consideração.

Santa Comba Dão, 30-6-1902.

De v., etc.

Francisco Manuel Homem Christo.

Felicitemos o nosso collega *Os Successos* pelo seu XIV anniversario.

**O CRIME DA TRAVESSA DAS OLARIAS**

Consta-nos que foram pronunciados pelo crime de homicidio voluntario os assassinos do infeliz Joaquim Lopes.

Parece que já escolheram como defensor o illustre defensor do infeliz Mofa.

Então a coisa vae. O illustre defensor prosta-se aos pés do juiz, como de costume, invocando-lhe o coração magnanimo. «Oh! vós, integro magistrado, homem sem mancha e sem medo, manancial de purezas, cofre de virtudes, esteio da justiça, fonte da equidade, perdoae, senhor, que elles não souberam o que fizeram!»

E é dicto e feito.

E' verdade que se mette o jury de permicio.

Senão... e que era o caso do famoso *advogado dar os constituintes por bebados*.

E era dicto e feito. Ou o juiz não tivesse absolvido a Beatriz Vieira!

Que importa lá que o Valente morresse?

Mas como se mette o jury de permicio, a coisa tem mais difficuldades.

Comtudo, o *grande protector* do illustre advogado, protector e amigo da ultima hora, depois da scena da *murraça*, lá está para o que dér e vier.

O que fôr, soará.

**Eduardo VII. — Coincidencia notavel**

O principe real D. Luiz Filipe não volta a Inglaterra ás festas da coroação.

Portugal é alli representado d'esta vez pelo sr. marquez de Soveral, ministro plenipotenciario junto d'aquella córte.

— Diz se que em 3 d'agosto o rei Eduardo deve ter uma entrevista com o imperador Guilherme de Allemanha, attribuindo-se grande importancia politica á conferencia, que versará, na opinião d'alguns jornaes inglezes, sobre a paz universal.

— O rei Eduardo VII fez saber ás diversas córtes que se mandaram representar na Inglaterra, que considerava como feitos os cumprimentos officiaes.

Um inglez constatou a notavel coincidência:—O dia de terça-feira tem desempenhado um papel importantissimo na vida do rei da Inglaterra.

Nasceu n'uma terça-feira; foi baptisado n'uma terça-feira; casou em 10 de março de 1863, que foi uma terça-feira; adoeceu de febre typhoide n'uma terça-feira, em 1871; subiu ao throno em 29 de março, terça-feira; a ultima operação cirurgica que lhe fizeram, foi tambem n'uma terça-feira, 24 de junho de 1902.

**Tentativa de violação**

Já se acha em Estarreja, sob ferros d'el-rei, o malandrete que no dia 25 do mez passado, como aqui dissemos no numero 951, tentou violar cobarde e bestialmente nma indefeza rapariga, filha do sr. José Maria da Fonseca importante e honrado industrial do Monte da Murtoza, na occasião em que era transportada á costa de S. Jacintho, para onde se dirigia a tratar dos seus negocios.

Ao mariolão, que tinha tido baixa do serviço militar, que era o barqueiro, e que se chama Antonio de Mattos, casado ainda ha pouco tempo com uma galante rapariga da Murtoza, está-lhe sendo instaurado processo-crime para ser julgado em conselho de guerra, visto ainda estar comprehendido nas leis militares.

Todo o rigor da justiça será pouco para quem tão traiçoeiramente pretendeu saciar os seus desejos bestiaes na pessoa d'uma honrada rapariga, que se não reagisse corajosamente decerto teria sido victima do furor de tão perverso animal.

**De Lisboa, Aveiro e Estarreja — O S. Paio.**

A companhia real resolveu estabelecer comboios a preços reduzidos entre a estação de Estarreja e a da Avenida por occasião da grande romaria do S. Paio, que se realisa a 8 de setembro na formosa praia da Torreira.

O comboio partirá da estação de Lisboa em 6 de setembro ás 12 horas da noite. O regresso de Estarreja é no dia 9 ás 3 da tarde. O comboio pára em Aveiro, d'onde parte n'esse mesmo dia ás 4 da tarde.

Os preços de ida e volta são os seguintes:

2.ª classe	4\$000 rs.
3.ª	3\$000 rs.

**Vende se** uma morada de casas de um andar sitas na rua da Palmeira, d'esta cidade, juntas a uma outra que tambem se vende e faz esquina para a rua das Salineiras, onde se póde edificar um lindissimo predio. Quem pretender comprar póde dirirse a José de Souza Lopes, morador na rua das Salineiras.

**GOSINHA PORTUGUEZA**

OU ARTE CULINARIA NACIONAL COLLABORAÇÃO DE SENHORAS (Producto reservado a um fim patriotico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contem:—Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Proceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35), 94; Mólhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pasteis, tórtas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compostas e conservas, 54; Doces de chá, 155. —Total 795.

A' venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartanagem, 700. Idem pelo correio, 760 réis.

**ANNUNCIOS**

**COMPANHIA PORTUGUEZA**

DE

**Iluminação a gaz**

**GAZ A 40 RÉIS**

**DESEJANDO** a Companhia Portuguesa de Iluminação a Gaz prestar todo o auxilio compativel com as suas forças ás industrias locais e casas particulares cujos fogões e aparelhos de força motriz se alimentem de gaz, bem como dar o maior desenvolvimento ao consumo local, resolveu baixar a 40 réis o metro cubico do gaz que para tal effeito consumam, o que leva ao conhecimento de todos para que de tal vantagem aproveitem os que ainda não uzam d'este systema.

No escriptorio da Fabrica se darão todos mais esclarecimentos necessarios.

Aveiro, 15 de julho de 1902.

O Director da Fabrica,

Carlos Guerra.

**SAPATARIA REIS**

R. DOMINGOS CARRANCHO

(A'S CINCO RÚAS)

**AVEIRO**

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, no mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de córte, excellentemente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

**BAGAÇOS ALIMENTARES**

**VENDEM-SE** na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

# HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanais de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas ..... 60 réis  
Cada vol. brochado... 1:500 »  
Obra completa (4 vol) 6:000 »

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Mello Guimarães.

## Bibliotheca

### HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. —3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. —1 vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. —1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthel. —1 vol.

SENHOR EU, de Farina. —1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

## COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

### Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

### A CARTEIRA DO REPORTER

por

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOIRA

### AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA illustrado a cores por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—120 rs.

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

### Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A' venda na Livraria Elysió —Rua Formosa, 282 PORTO

## NOVIDADE LITTERARIA

### ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

50 rs. cada semana, no acto da entrega

### SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

### QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

### O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as honherias luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

### Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

### "O NORTE,"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

## BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS

### O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entredo e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

## A NOVA PHASE

DO

### SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

## GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

### Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horros que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fastiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

## HENRY SIENKIEWICZ

(auctor do «Quo Vadis»)

### HANIA

primorosa novella polaca do celebre auctor do «Quo Vadis», «Sem dogma», «Diluvio», «Sigamol-o!»

Preço de cada volume illustrado com uma capa a cores

Preço 300 réis

Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

## DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

### "PFAFF,"

Fundada em 1862

EM

### Kaiserslautern

são estas as melhores machinas de costura



- A machina PFFAF para costureiras.
- A machina PFAFF para alfaiates.
- A machina PFAFF para modistas.
- A machina PFAFF para sapateiros.
- A machina PFFAF para seleiros.
- A machina PFFAF para corrieiros.
- A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso colchão.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Concerta-se machinas de todos os systemas. Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

## Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe.

## CONSULTORIO DENTARIO

### THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahе, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

## NOVIDADE LITTERARIA

### SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

### ALVARO DE MORAES FERREIRA

### MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 4 a 44

## ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

## MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

## AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

### Preços fixos

### VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionais e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e coróas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79